

CONSCIÊNCIA AMBIENTAL: A AGROECOLOGIA COMO PERSPECTIVA DE MUDANÇA NA PARAIBA

Cleityane Sabino Freire . Graduada em Geografia - Universidade Estadual da Paraíba/CH/DGH. End. Rua Presidente Epitácio Pessoa 553 Bayeux/PB-Brasil, Cep. 58308-260: cleity_geo@hotmail.com

Josivaldo da Silva. Graduando em Agronomia – Universidade Federal da Paraíba /CCA/Areia - PB. End.: Av. Dom Pedro I, 444. João Pessoa/ PB – Brasil, Cep. 58013-021: josivaldo_rei@hotmail.com

Belarmino Mariano Neto. Professor e Dr. em Sociologia - Universidade Estadual da Paraíba/CH/DGH. End.: Rua Cel. Arthur Américo Cantalice, 45, Bancários - João Pessoa/PB-Brasil Cep. 58051-100: belogeo@yahoo.com.br

Sendo a agroecologia campo do conhecimento que promove a construção de estilos de agricultura de base ecológica, uma ciência que se relaciona com a dinâmica da natureza e o aproveitamento sustentável dos recursos naturais. Assim, analisando a temática da agroecologia numa perspectiva de agricultura que subsidie o pequeno agricultor, fazendo uma abordagem construtiva na relação sociedade e natureza, objetivou-se contribuir em introduções de modelos de agricultura ecológica como alternativa para o desenvolvimento sustentável. No território paraibano do Nordeste brasileiro notaram-se gradualmente esse resgate valorizando o meio ambiente e fazendo nesse sentido, voltar-se à agricultura, sob enfoques agroecológicos, tornando e tomando a consciência de que os recursos naturais são fontes esgotáveis e assim, a agricultura ecológica vem ganhando considerável espaço, tendo em vista que, segundo Altieri (2002), “a agroecologia vai para além de uma visão unidimensional dos agroecossistemas, de sua genética, da agronomia e edafologia (estudo dos solos). Ela engloba o entendimento dos diferentes estágios ecológicos e sociais, da estrutura e do funcionamento dos ecossistemas e agroecossistemas”.

Assim, podemos notar nessa perspectiva desenhos, entendendo-se por *desenhos*, segundo Mariano Neto (2006), “as vertentes político-culturais e econômico-ambientais da abordagem territorial, enquanto espaço de poder em que são moldadas as novas paisagens, instituídas como agroecológicas.” Assim,

considerou-se que a agroecologia permeia novas relações de poder na perspectiva de uma sociedade ecológica e economicamente sustentável.

Localização e ocupação território Paraibano.

A Paraíba, um estado do Nordeste brasileiro, tem uma área de 56.340,9 km², com limites ao Norte com o Rio Grande do Norte; ao Sul com Pernambuco; ao Leste com o Oceano Atlântico e; ao Oeste com o Ceará. Suas coordenadas geográficas são: 6° 02' 12" e 8° 19' 18" de latitude Sul e; 34° 45' 54" e 38° 45' 45" de Longitude Oeste. Apresenta uma população de aproximadamente 3.439.344 habitantes e uma densidade demográfica de 61,05 pessoas por km². Nota-se então que 2.443.590 pessoas habitam o espaço urbano e 995.754 pessoas habitam o espaço rural (IBGE, 2001).

Sendo necessário remontar a noção conceitual de território, atribuída por Santos; Silveira (2001, p.17), em que "O território é fruto de uma construção social, não apenas como palco de relações ou conflitos, mas como ator na dinâmica social, considerando delimitações, reconstruções de contextos e noções de uso do território enquanto alicerces da abordagem teórica". Com base nesse pressuposto, se estabeleceu a idéia do território de enfoques agroecológicos na Paraíba, sempre pensando num remontar das bases de agricultura convencional, sob uma nova perspectiva resgatando o pequeno agricultor, sua vivência e experiência e interagindo como modelos de viabilidade no referente à ecologia e recursos escassos.

O que interessa discutir é então o território usado como sinônimo de espaço geográfico. E essa categoria, território usado, aponta para a necessidade de um esforço destinado a analisar sistematicamente a constituição do território. (...) O território, visto como unidade e diversidade é uma questão central da História humana e de cada país (...) A divisão territorial do trabalho envolve, de um lado, a repartição do trabalho vivo nos lugares e, de outro, uma distribuição do trabalho morto e dos recursos naturais (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 20).

A partir do momento que os agricultores familiares começam a redimensionar sua produção agrícola e introduzir novas alternativas técnicas que valorizam o meio ambiente, como é o caso da agroecologia. Um novo território se descortina, uma nova realidade se estabelece e os agricultores passam a agir na constituição de uma nova consciência sócio-ambiental.

Enfoques agroecológicos no Brejo Paraibano: o caso do Sitio Utopia

Fundamentando a agroecologia sob uma visão holística de consciência ambiental, nesse estudo pautado como uma perspectiva de mudança nota-se que, enfoques agroecológicos vêm sendo constituídos ao longo de uma década e meia (1990-2005) aproximadamente. Tempo este, em que se estabeleceram as primeiras iniciativas como a adoção à agricultura ecológica com resultados observados em diferentes pontos do território.

Assim, situou-se a pesquisa a fim de analisar essas iniciativas e observou-se a adoção da agricultura ecológica como filosofia para reversão da situação da agricultura atual, que se fundamenta, sobretudo, para o agronegócio. Com isso, delimitou-se a área de pesquisa no Brejo Paraibano, por ser uma área considerada "celeiro" da agricultura paraibana, graças a fertilidade dos solos e o bom aproveitamento agrícola, tratando-se de uma zona de influência do clima semi-árido (Bsh), onde a semi-aridez do clima caracteriza a paisagem, mas o ambiente de serras e uma frente de umidade vinda do litoral trazida pelos alísios do sudeste, torna o Brejo paraibano em uma área de exceção dentro do semi-árido, pois o micro-clima local é predominantemente úmido, devido as chuvas orográficas que caem na Microrregião do Brejo. Essa particularidade, torna o local em um Brejo de altitude, com altimetria de em média 500m de altitude.

O Brejo paraibano apresenta em seu conjunto geomorfológico a superfície aplainada da Borborema com temperatura média anual de 26°C, com mínimas de 20°C, (Rodriguez, 2002).

A pesquisa foi concentrada em áreas denominadas de sítios, onde é implantada a agricultura familiar como fonte de renda e subsistência, com isso, o Sitio Utopia,

foi considerado como iniciativa de análise dessa concepção ambiental, pois desde 1992, na região do Brejo paraibano vem desenvolvendo a agricultura orgânica e serve de modelo para experiências de resgate dos agroecossistemas da região. Abordando novos paradigmas científicos voltados para a agroecologia na perspectiva de comportar conhecimentos e vivência dentro de uma iniciativa ecologicamente viável e que promove o desenvolvimento rural. Atribuindo como ponto de vista estratégico.

Esta lógica se faz presente a uma estrutura social agrária com base na unidade familiar e o conseqüente trabalho agrícola associativo e cooperado, aliado à preocupação ambiental, inerente a agroecologia, como embrião do surgimento no campo de uma sociedade verdadeiramente sustentável (Costa Neto, 1999, p. 17).

E acreditando no equilíbrio dos agroecossistemas, que são entendidos como unidades fundamentais para o planejamento das intervenções humanas em favor de um modelo de desenvolvimento rural sustentável. O Sítio Utopia, que fica localizado no município de Alagoa Nova, a seis quilômetros de distância do centro do município, na Microrregião do Brejo, que é considerado como uma das primeiras iniciativas a ser notada nesse cenário. Nele o Sr. Paulo Luna Freire (“Paulinho”) organizou em 14 ha., na comunidade Bacupari¹ sua “utopia” de uma agricultura orgânica.

No princípio tinha a função apenas de cultura para subsistência, mas ao longo dos anos veio ganhando força e reconhecimento como uma alternativa de mudança para o cenário atual do modelo de agricultura paraibana.

Paulinho surgiu com a simples idéia de culturas diversas, árvores frutíferas, produção de mudas, assim como alimentos e árvores regionais, plantando tudo de seu interesse. E em 1997 passa abrir seus horizontes diante do bom aproveitamento de seus experimentos com agricultura familiar e ecológica, então,

¹ A comunidade Bacupari é uma propriedade com aproximadamente 100 ha., pertencente aos familiares de Paulinho e compartilhado em sistema morador foreiro com mais 25 famílias de agricultores.

diante disso, não se limita a produção apenas para subsistência e passa , em detrimento as exigências do processo de expansão de sua produção, e especificidades de culturas, à abrange-las, assim, sabendo da dinamização da agricultura orgânica, o sitio utopia passou a organizar sua produção e a comercializa-la em feiras ecológicas da região.

O universo da agricultura orgânica foi difundido no Brejo, assim como em todas as áreas circunvizinhas. Paulinho passou a integrar feiras agroecológicas da região distribuindo o excedente de sua produção e expandindo sua ideologia de agricultura orgânica ecologicamente viável.

Paulinho considera-se puro em sua experiência, pois nunca havia produzido com agrotóxicos e o que veio implantar é uma nova experiência que quebra com a lógica das monoculturas e dos cultivos envenenados. Sua experiência aponta para a construção de um novo território, em que os produtores abandonam o uso dos agrotóxicos, apostam na diversidade e em um mercado de produtos ecológicos. (MARIANO NETO, 2006, p. 169)

Não obstante, esses enfoques agroecológicos surgem, e, junto a eles mediadores que auxiliam na difusão da agroecologia, e na idealização e expansão da iniciativa, sobretudo agindo mediando no auxílio aos agricultores familiares, sendo esse tipo de agricultura entendida por estabelecer sua produção basicamente por os membros da família, sendo assim, em pequena escala, nota-se na região a presença de organizações não- governamentais (Ong's), e sindicatos ,formando uma rede de experiências e técnicas agroecológicas que visa o desenvolvimento rural como também se sentem responsáveis pela nova realidade sócio-ambiental local.

Fomentando essa rede de mediadores existem várias entidades: o Pólo Sindical da Borborema, Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA); Articulação do Semi-Árido Paraibano (ASA), que atua na defesa de práticas de convivência com o Semi-Árido; Programa de Aplicação de Tecnologias Apropriadas às Comunidades (PATAC), auxiliando em construções alternativa de cisternas de placas; Centro de Cooperação Internacional de Pesquisa Agrônômica para o Desenvolvimento (CIRAD), organização francesa que atua em parcerias com as universidades e centros de pesquisa no Agreste/Brejo; Unidade Técnica

Objetivando Práticas Inovadoras e Adaptadas (UTOPIA); Comissão Pastoral da Terra (CPT); Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que atuam em defesa da Reforma Agrária e; Movimento AgroEcológico (MAE), entidade acadêmica da UFPB, campus de Areia, entre outras que direta ou indiretamente atuam na região.

Segundo Mariano Neto (2006), "um novo espírito de continuidade passou a existir, uma nova esperança rebrotou na terra, a revalorização dos homens e das mulheres que vivem e trabalham com a agricultura", pois esta rede atua em um raio de ações, no qual o enfoque agroecológico toca mais de quinhentas (500) famílias de agricultores do território pesquisado.

Neste contexto, a agricultura familiar, enquanto um processo em curso, marca-se por contradições ainda abertas, em que a dinâmica social aponta para outras análises das experiências de agricultores familiares. Por outro lado, a estrutura agrária e o uso sustentável da terra, na perspectiva da agricultura familiar agroecológica, surgem enquanto um novo projeto de produção territorial e social para o ambiente rural (MARIANO NETO, 2006.p. 101).

Da interação entre estes atores sociais, com seus diferentes projetos, interesses, saberes e práticas, e das relações que estabelecem com uma parcela dos agricultores familiares do Agreste/Brejo Paraibano, emerge uma utopia ativa (MATTELART, 2000). Aqui entendida por tratar-se de uma perspectiva de mudança da concepção sócio-ambiental das relações sociedade-natureza, podendo, assim, manter uma relação harmônica e ecológica e economicamente viável.

Metodologia

A metodologia é assegurada pelo tripé estruturado na pesquisa empírica, qualitativa, e na observação participante. O enfoque na pesquisa é direcionado para as novas experiências agroecológicas, definidas por Altieri (2002), sendo a agroecologia a "ciência ou disciplina científica que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e

avaliar agroecossistemas” assim, o ponto de partida para o estudo de caso do sitio utopia foi base em investigação e acompanhamento a ideologia de aspiração à agricultura orgânica desenvolvida numa observação participante baseado em relatos e utilizando instrumentos de coleta de dados como máquinas fotográficas, gravadores.

Assim como a busca pelo conhecimento cotidiano (os pequenos agricultores) e o conhecimento científico, estabelecendo suas bases teóricas, sobretudo na análise do processo de desenvolvimento multilinear da ecologia, lançando mão de diversas disciplinas que embasam a interação humana em vias de transição para a racionalização dos problemas socioambientais e econômicos no mundo moderno.

Baseando na contextualização da agroecologia em respaldo a agricultura sustentável como um modelo para entender o processo de construção social, segundo Caporal e Costabeber (2000), “a agroecologia representa um paradigma diretivo para promover o manejo adequado dos recursos naturais e para reduzir os impactos sociais, econômicos e ambientais negativos, causados pela mal denominada agricultura *moderna*”. Com isso, motivando a pensar como os sujeitos ativos e a agricultura ecológica enquanto experiências transformadoras da realidade ambiental presente. Sendo o sitio utopia o referencial para a análise e motivação, assim como para a promoção e construção de um ideal de desenvolvimento rural sustentável, com base na agroecologia.

Conclusão

A pesquisa ainda não é conclusiva e segue significativas observações de como a agricultura orgânica introduzida, foi ganhando a dinâmica da vida dos agricultores familiares que passaram por esta transição e atualmente já produzem agroecologicamente. Mas existe a necessidade de extensão, mediante aos processos educativos e participativos, em fortalecimento da agricultura familiar como exercício de cidadania e sustentabilidade sócio-ambiental.

A agroecologia enquanto alternativa ecológica e econômica já pode ser observada em muitos sítios do Agreste e Brejo paraibano o que se considerou como um novo território que veio se constituindo ao longo dos últimos quinze anos. Nesse contexto, novos produtos e novas relações sociais, culturais e econômicas podem ser notados que nas várias comunidades que foram tocadas por experiências agroecológicas.

Referência Bibliográfica

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia Bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba/RS: Editora Agropecuária, 2002.

COSTA NETO, C. Agricultura Sustentável, Tecnologias e Sociedade. In: Costa, L. F. de C. Moreira, R. J. Bruno, R. (Ed.). **Mundo Rural e Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Mauá, 1999. P. 299-321.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J. A . Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectiva para uma nova extensão rural. In: **Agroecologia e desenvolvimento Rural sustentável**, Porto Alegre, v.1,p. 16-37, jan./mar.2000.

IBGE - INTITUTO BRASILEIRO DE GEIGRAFIA E ESTASTICA. Censo Demográfico 2000, Rio de janeiro, 2001.

MARIANO NETO, Belarmino. **Abordagem territorial e enfoques agroecológicos no Agreste/Brejo paraibano: desenhos, arranjos e relações**. (Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Universidade Federal de Campina Grande e Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande-PB, 2006.

MATTELART, Armand. **História da Utopia Planetária – da cidade profética à sociedade global**. Lisboa: Bizâncio, 2000.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil – território e sociedade no início de século XXI**. São Paulo e Rio de Janeiro: Record, 2001.

RODRIGUES, Janete Lins. **Atlas escolar da Paraíba - Espaço geo-historico e cultural**. João Pessoa: Grafsete, 2002.